

CATEGORIA PRÉ-MIRIM

1º Lugar Pré-Mirim

Nicolas dos Santos Catarino

Amizade é muito bom!

Amigos são muito importantes,
Momentos felizes sempre vivemos!
Incomodam-se quando estou triste,
Zuando gostam que eu fique!
Adoram minhas brincadeiras,
Discussões muitas vezes existem,
Em segundos, porém, já estamos de bem!

Escola é um lugar da gente se ver,

Mesmo que seja apenas para estudar,
Um momento que ficamos contentes,
Importante é sempre juntinho, estar!
Todos se ajudam e se divertem,
Outros, sozinhos é o que preferem,

Bom é poder escolher e não se preocupar,
Outros chateados, será que irão ficar?
Mas na amizade o respeito está em primeiro lugar.

2º Lugar Pré-Mirim
Cauã Henrique Arvigo Matioli Lima

Amigo Brincalhão

Amoroso com
Meus amigos sou.
Isolado jamais vou ficar.
Gosto junto deles brincar
O tempo todo.

Brincadeira é o que não falta.
Respeito a todos eu sei dar.
Inquieto sou se alguém me abandonar.
Não gosto de ver ninguém
Chorar, logo corro para
Abraçar, pois é na escola o
Lugar que eu mais gosto de estar
Humildade tenho no coração
Amo a todos com paixão
Orgulhoso sou de ser amigo;

3º Lugar Pré-Mirim
Gabriela Moreira Dourado

Felicidade

Feito nuvens de algodão
Eu pulo, brinco e
Levo para o parque as bolhas de sabão
Importante esse momento
Com os muitos amigos que tenho
Imaginar um mundo melhor
Dançar, cantar
Aproveitar cada momento
Da nossa vida
E saber que o melhor da amizade é a felicidade.

4º Lugar Pré-Mirim
Stephany Cristina do Nascimento

Amiga gentil e confiável

Amorosa com todos
Muito legal com as amigas
Inteligente para os estudos
Gentil demais comigo
Agatha é minha melhor

Generosa com os colegas
Ela faz muitas amizades
Nunca me esquecerei de você
Te adoro
Issso que é amizade
Linda todos os dias

Espero que nunca se esqueça de mim

Conto com você minha amiga
Ontem hoje e sempre
Nem o tempo nos separa
Faladeira demais
Imaginação muito grande
Amigável com todos
Você é a melhor de todas
Esperta e muito divertida
Legal falar de você

5º Lugar Pré-Mirim
Rafaela de Lima Mestriner

Entre amigos

Entre meus amigos

Nunca fico triste

Tem diversão o tempo todo

Raissa, Leandro e Thayany

Estar com eles é divertido

Amizade é importante

Meus amigos sempre dizem: Rafaela é

Inteligente e interessante

Gostam de mim como sou

Outros amigos como estes

Será difícil encontrar

CATEGORIA MIRIM

1º Lugar Mirim
Nycole Pires de Abreu

Carta ao futuro!

E quando eu crescer?
Como irei viver?
Posso pensar agora o que vai acontecer
Certeza do futuro não posso ter!
Jovem logo vou ser
Minhas perguntas de hoje
Só eu poderei responder.
Objetivos do futuro
É o que hoje mais procuro!

E meu futuro como será?
Professora serei? Ainda não sei!
Sem rumo o destino vai me levar
Mas minhas escolhas minha vida ditará.
Quero é claro envelhecer
Sem me preocupar em morrer.

Nesta jornada deixo minha alma
Leve a caminhar
Ainda sou miúda, tenho muito a alcançar...
Penso com carinho e com o coração puro
Deixo aqui o registro
De uma carta ao futuro!

E ao longo do meu caminhar
Aprender a ensinar
Somente o meu querer
Sei que não vai bastar
Em bons exemplos terei que me inspirar!

Manter o espírito juvenil
É agora meu sonho infantil
Que inspira ao meu sonho chegar
Quem ensina sempre aprende
A todos em minha volta
Quero com o saber contagiar!

2º Lugar Mirim
Pedro Henrique Cruz Ferrari

Construtor de esperança

Quando eu penso no futuro,
Vejo um Universo doente
Será que viveremos no escuro?
Penso então em minhas ações no presente

Por isso quero ser um construtor
Encaixar novas peças no universo e deixar boas lembranças
Procurando agir com amor
Preenchendo a natureza com peças de esperança

Quando eu vejo tamanha destruição
Logo me vem à cabeça
Colaborar com a preservação precisamos
Para que o universo não adoença

Com as crianças quero trabalhar
Para livrar o universo da destruição
Pois com amor as pecinhas vão se encaixar
Revelando para o mundo a nossa missão

Essa construção é necessária, é urgente
Pois o meio ambiente mexe com a gente
Quero ser um construtor de sucesso
Vamos trabalhar juntos, fazendo grande progresso.

3º Lugar Mirim
Leandro Antonio Rosseto

Eletricista

No futuro eu me vejo como um eletricista
A eletricidade move o mundo
Ela é necessária e infinita
O eletricista faz funcionar tudo.

A luz que ilumina a sala de aula
Onde pode estar os futuros médicos e engenheiros,
As modelos e os jogadores de bola,
Os dentistas e marceneiros.

Me inspiro no meu pai
Ele é eletricista e põe o pão na mesa
O maior orgulho dele
É que honesto eu seja

Posso ser mesmo eletricista,
Posso ser escritor ou piloto de avião
Com a energia que eu tenho
Posso ser até presidente da nação.

4º Lugar Mirim
Mariyah Pernambuco Lau de Lima

O Meu Futuro está chegando!

Me imagino com sinceridade
Vou ficar com saudade
Da minha amiga gravidade
Estou com esperança e felicidade
E também com ansiedade

Vou ser astronauta
E no espaço vou ficar bem alta
Como será que é a Lua?
Enquanto esse dia não chega
Minha dúvida continua!

5º Lugar Mirim
Isabelly Cortezia

Meu pensamento

Agora sou criança
E gosto de brincar
Mas quando for adulta
Vou ter que trabalhar.

Pagar conta, ir ao mercado,
Mas não quero ficar parado!
Cadê o meu salário? Ou melhor, minha mesada?
Não sei, não importa,
Quero mais é dar risada.

Ir à escola
E estudar,
Para que no futuro
De paraquedas eu pular.

Pensei em ser algo,
Pensei em ser modelo.
Mas é bem mais divertido
Montar em um camelo.

Imagino “eu grandão”
Com um lindo cabelão
Passeando com um carrão,
Enquanto faço carinho em meu cão.

Meu pensamento é normal
Acho que é natural
Só consigo imaginar
Eu fofinha e velhinha
E isso é legal!

CATEGORIA INFANTIL

1º Lugar Infantil
Victor Matheus Araujo Ortiz

Acolher é mais importante que desejar boas vindas

O modo abrupto de transferência de uma escola para outra é um fator que causa incômodo também para o adolescente, não é fácil assumir isso, mas é verdadeiro. Ninguém melhor que um adolescente para compreender outro adolescente. Estudo em uma escola de tempo integral. Sempre estudei em escola de tempo parcial, mas em 2015 tive que ir para uma escola que atendesse o fundamental II.

Confesso que até por conta do horário foi bem complicada a minha adaptação, mas fiz amigos e encontrei muito apoio nos meus novos professores. Porém sempre latejou em minha cabeça, haveria uma possibilidade de sofrer menos quando chegamos a uma escola nova? Conversava muito com minha professora de projeto a Daniela, mais conhecida como Dani. Uma pessoa especial, que me compreendeu neste duro processo de adaptação, por ela escrevo este relato.

Ao chegar ao novo espaço me deparei com o medo de não ser aceito, com a dificuldade de locomoção para escola, com os novos conhecimentos, com a mudança no meu corpo, com a desordem na mente: muito novo para isso, muito velho para aquilo, enfim uma confusão até de identidade. Mas logo percebi que também seria uma etapa de aprendizado. O ano se passou e eu me adaptei. Ao final do ano os alunos foram convidados a sugerir ideias para melhoria da escola. Logo me lembrei do quão difícil foi minha adaptação, e que seria bom amenizar o sofrimento do outro. Então, sugeri um novo modelo de recepção para os alunos ingressantes. A minha professora Dani me apoiou em tudo.

Meu projeto foi eleito na classe, agora eu precisava convencer as demais classes da importância do meu projeto. Em uma assembleia, tomei coragem e com o olhar fixo nos olhos da Dani discorri sobre a importância de uma acolhida diferenciada na escola. Muitos colegas me apoiaram, por terem passado pelo mesmo processo em silêncio. Foi mágica, a minha primeira experiência protagonizando. A ideia foi tão bem aceita que faz parte do projeto da escola, todo ano um grupo de alunos é responsável por organizar as atividades do mês de fevereiro, promovendo uma recepção alegre e cheia de atrativos.

Ao participar da acolhida dos novos alunos sempre olho nos olhos. Prefiro ouvir a julgar, cada um revela seus medos de um jeito, mas sei que em parceria aprendemos um jeito melhor de demonstrar a angústia e aí a superamos. Acolher é diferente de desejar boas vindas. Essa é a minha marca, promover uma adaptação mais acolhedora e afetuosa. O mundo será diferente se olharmos nos olhos do outro e enxergarmos o que nos uni.

Energia além dos limites da Terra

Eu começo essa história pelo final.

Meu nome é, Antônio, completei agora, meu octogésimo quinto aniversário e, com problemas de saúde, sinto estar no final de minha vida, então resolvi relatar esta história.

Em meu tempo de escola, eu era apaixonado pela feira de ciências e tecnologia, na qual saí vitorioso por algumas vezes, despertando minha paixão em ajudar as pessoas e o mundo, cada vez mais.

Com os temas de meus trabalhos, sempre ligados com engenharia mecânica e elétrica, sonhava em ajudar a acabar com o problema energético no mundo.

Primeiramente, em meus estudos para a feira em questão, fiz um trabalho sobre motores, depois fui para um lado um pouco mais técnico e estudei fontes renováveis de energia, até que um dia decidi juntar os dois trabalhos em um: todo o meu conhecimento adquirido nesses anos em um só projeto.

Comecei a desenvolver um trabalho que juntamente a invenção de Michel Faraday (dínamo), tinha como ideia gerar energia a partir do movimento rotacional do pneu de uma bicicleta.

Foi possível gerar energia dessa forma, porém, ainda não era energia suficiente para nada útil, precisando de uma velocidade desumana para um resultado mais eficaz.

Assim, desenvolvendo melhor esse projeto, consegui gerar mais energia. A partir disso comecei a pensar em uma nova aplicação até que esse meu dispositivo foi aplicado a várias bicicletas ergométricas para diminuir a conta de energia de academias.

Na época deu muito certo ganhei vários prêmios, patrocínio e incontáveis academias de todo o mundo me contataram; minha vida já tinha tomado rumo, porém, como na feira de ciências, quanto mais eu tinha retorno de minhas pesquisas mais queria ajudar todos ao máximo.

Com ajuda financeira, continuei minhas pesquisas a todo vapor, tentando achar uma nova forma de gerar energia e “salvar” o mundo.

Como muita gente não anda de bicicleta e nem vai à academia, precisava de uma forma mais corriqueira de gerar energia.

Pesquisando muito, incentivado por muita gente, eu consegui criar uma placa inteligente que gera energia simplesmente com alguém pisando sobre ela.

Apliquei em pequena escala inicialmente, no quintal de minha casa, e em poucas semanas não precisava pagar conta de luz! Meu quintal era capaz de gerar energia para o bairro todo, só com o andar dos meus cachorros.

Então, comecei a aumentar a aplicação, em shoppings, condomínios, mercados e parques públicos.

Em pouco tempo até a usina de Itaipu perdeu sua importância, pois não se fazia mais necessária. O mundo inteiro começou a adquirir esta placa chamada de “solo do paraíso”.

Nesse meio tempo fui vencedor de dois prêmios Nobel.

Até aqui tudo ótimo, era um dos maiores contribuidores da história da humanidade, resolvi um dos piores problemas mundiais!

Só que, se no quintal da minha casa eu gerava energia o suficiente para todo o bairro e agora todo o planeta estava recoberto pelas minhas placas de energia, o que estaria acontecendo com toda a energia a mais gerada?

Nós estávamos com outro grande problema, a abundância energética. Então, sabendo disso, contatei os líderes mundiais e decidimos, que com a energia que nos sobra, poderíamos colonizar um novo planeta, assim “matando dois coelhos com uma cajadada só”, iríamos acabar com a abundância energética e resolveríamos a superpopulação.

Agora estou em Marte, no fim de minha vida, vivendo em uma colônia, totalmente povoada e abastecida de energia, contando essa história para você.

Assim efetivo minha marca na história.

Uma nova Atakoma

Vivia em Benin, um minúsculo país próximo à Nigéria, em uma tribo em Atakoma. Não tinha irmãos, avós, nem mesmo um pai. Era apenas eu e minha mãe. Quando meu pai soube de meu nascimento, foi embora, fugiu. E não voltou mais. Minha mãe, sozinha e com condições não muito boas, optou por não ter mais filhos. Não me considerava um menino de má sorte. Tinha tudo o que precisava.

Certo dia, minha mãe saiu para comprar frutas em uma feira popular na região. Preferi ficar em casa até ela chegar. Mas não chegou. Mamãe tinha saído de manhãzinha, era final de tarde e ela não chegara. Decidi ir a sua procura, afinal já tinha sete anos, me considerava independente o suficiente.

A escuridão já dominava a noite e o silêncio era presente, até um grito estridente ecoar pelo local. “Mamãe! Mamãe!”, eu gritava. Estava sozinho, com medo, e para piorar a situação, um homem, já de idade, que vestia um turbante e lenços em volta do corpo, passou correndo ao meu lado, gritando e sem mesmo olhar para trás, dizia: “Rebeldes Nigerianos! Muitos deles!”.

A paz se tornou um caos, mulheres, crianças, idosos, corriam angustiados. Estava perdido, confuso, até que Bahati, minha vizinha, apareceu, agarrou minha mão e sem dizer nem mesmo uma palavra, me levou a uma pequena cabana, a cabana do curandeiro.

Apenas uma vela iluminava o local, pude ver, em meio a mantas e cobertores, pessoas, com feições aflitas e melancólicas. Até que vi alguém familiar. Minha mãe.

Ela chorava baixinho e o curandeiro estava ao seu lado. Me aproximei vagarosamente e com cautela e vi o quanto ela estava ferida.

Naquele momento, senti como se meu coração estivesse parado. Apenas sentei ao seu lado e observei o curandeiro fazer de tudo para tentar salvá-la. Ela era uma mulher forte. Mas a morte foi ainda mais, e a levou embora consigo. Agora estava completamente só.

Tudo parecia estar acontecendo tão rápido. A dor não tinha fim... Fiquei pensando o quanto seria horrível outras pessoas passarem por uma experiência como essa, percebi que não queria que elas sentissem a dor que senti. Queria poder salvar vidas. Passei a viver da bondade de poucas pessoas que, quando podiam, doavam comida e suprimentos necessários. Os dias pareciam anos quando carregava o peso da minha dor. Minha única distração era ajudar o curandeiro a colher ervas medicinais e fazer curativos aos pacientes.

Certo dia, enquanto estava trabalhando na cabana do curandeiro, um homem, de feição distinta da qual eu estava acostumado a ver, veio até mim e pareceu impressionado ao me ver ajudar aquelas pessoas.

Conversamos pouco, mas o suficiente para descobrir muito. Seu nome era Joseph e ele era um médico britânico, que veio para África através de um projeto, no qual salvava muitos.

Fiquei encantado, mas ele pareceu ainda mais e resolveu me levar à Inglaterra junto a ele. Aceitei claro, não tinha nada a perder. O tempo passou. Cada dia junto a Joseph, a medicina se tornava ainda mais fascinante. Joseph já era de idade, e somado a tantos anos de trabalho duro...Ele não aguentara. E se foi.

Passsei a morar com uma nova família na Inglaterra, até atingir a maioridade. Foi a pior decisão que tomei em toda minha vida. Pra eles eu não era um membro da família. Era apenas um servo. Meus novos pais diziam que minha nova prioridade era trabalhar, fazer todas as tarefas domésticas, portanto, meus estudos tiveram que esperar. Foram longos cinco anos. Tinha tudo para desistir, porém ainda tinha chance para um recomeço. Tio Joseph havia deixado sua casa em meu nome, passei a viver lá e retomei meus estudos. Estudei como nunca.

Depois de meu esforço, finalmente me formei em uma faculdade do país. Parecia perfeito, mas ainda restava algo a ser feito. Voltei para Benin, minha terra natal, visitei minha tribo, percebi que ao passar dos anos, ela piorara, não podia ficar parado, precisava fazer alguma coisa. Criei novos projetos, construí centros cirúrgicos, desenvolvi um sistema de barragem para segurança e proteção de todos e me inspirando na arquitetura britânica, mas sem mudar nossos traços culturais, construí novas moradias. A alegria e gratidão foram ainda mais cultivadas.

Não mudei o mundo, mas mudei meu país. Minha tribo. Meu povo. E isso é algo muito valioso para mim.

Olhos abertos

Nunca fui um garoto muito simpático, sempre preferi brincar com meus bonecos de ação ou meu videogame sozinho. Contudo minha mãe sempre afagava meus cabelos castanhos e me incentivava a convidar outros garotos para a brincadeira.

“Gentileza gera gentileza, meu anjinho” era o que ela sempre me dizia. E sempre fui assim, gentil, simpático e generoso com todos, até o dia em que ganhei o meu primeiro celular. A partir desse dia, tudo mudou.

Quando conheci o mundo da Internet, um universo repleto de redes sociais, me isolei de tudo que me cercava, família, amigos da escola, vizinhos, de todos! Assim como minha simpatia, minha gentileza e altruísmo se acabaram com o tempo.

Eu não saía do celular, era celular de manhã, à tarde, à noite, no almoço, no banho e em qualquer lugar que possa imaginar! Eu parei de conversar e olhar para as pessoas e para o mundo, mas nem havia percebido. Até o dia que algo aconteceu e mudou a minha vida completamente.

Estava andando normalmente pelas ruas frias de julho, a caminho da escola. Mal percebia o cheiro do pão fresquinho da padaria ou o som dos pássaros, que cantarolavam uma canção de bom dia. Fazia o caminho normal para a escola, vidrado na tela do celular.

Quando estava prestes a atravessar a rua, sem nem mesmo olhar para os lados, um homem bem vestido, com rugas da idade no rosto, puxou com força meu capuz, me fazendo cair sentado na calçada e derrubar meu celular no asfalto.

Quando a última sílaba de seu aviso de “Cuidado!” soou, um ônibus passou a toda pela avenida. Sua roda encostou em meu celular, fazendo o mesmo bater com força na calçada e ficar com a tela trincada. Meu coração disparou, comecei a suar frio e meu olho direito começou a piscar sozinho: estava banhado em ira.

Enquanto o senhor se preocupava se eu estava bem, eu gritava com ele por ter me feito trincar a tela do meu celular. Assim, quando minhas palavras acabaram, ele disse “Pelo visto deveria ter salvo seu celular...depois dessa, garoto, você deveria andar de olhos abertos pro mundo e aprender a ser mais gentil!”

Quando levei o celular para consertar, esbarrei em uma garota e derrubei seu livro. Lembrando-me da frase daquele senhor, peguei o livro para ela, mesmo estando na pressa. Ela me agradeceu e cada um seguiu seu percurso. O homem da loja disse que o conserto levaria dez dias, no mínimo. Segurando a raiva, agradei a ele com um sorriso forçado e voltei para casa.

Nos dias seguintes, comecei a observar mais as pessoas no caminho da escola. Sempre havia as mesmas pessoas, fazendo as mesmas coisas, o padeiro dando alguns pães para o

leiteiro, um casal sentado no banco e... uma senhora cheia de sacolas procurando as chaves de casa.

Aproximei-me dela, com seu vestidinho rosa florido e perguntei se precisava de ajuda. Assim segurei suas sacolas pesadas para que entrasse em casa.

Quando passei pela padaria, vi uma família desabrigada, olhando com desejo aos pães recém-saídos do forno. Parei para comprar alguns pães de leite para a família, que agradeceu com sorrisos. Cada sorriso que recebia era como uma luz no meu dia, o que me deu mais vontade de ajudar cada vez mais as pessoas.

Os dias se passavam e todos no bairro de casa até a escola me conheciam como “Gentil” ou “aquele garoto que ajuda as pessoas”. Percebi que era muito mais feliz quando deixava as teimosias em tecnologias de lado e ajudava quem precisava.

Todos os dias lembrava-me da frase que aquele senhor me disse e aquilo sempre me inspirava a fazer, no mínimo, uma boa ação por dia. Aquela experiência mudou a maneira como eu olhava para o celular, o que me fez vendê-lo após o conserto. Não queria me aprisionar àquele aparelhinho e viver de olhos fechados, queria ter, para sempre, os olhos abertos para enxergar as gentilezas do mundo.

Todos nos bairros pelo caminho da escola acabaram se tornando mais simpáticos e gentis uns com os outros, aquela senhora sempre tinha alguém para ajudá-la com as compras e aquela família não passava mais fome. As pessoas passaram a abrir seus olhos e perceber que o que mais precisavam para serem felizes era compartilhar sua alegria.

A corrente do bem pode libertar

Há alguns anos eu estava voltando da escola e vi um cão todo sujo vasculhando o lixo, era evidente que ele sentia muita fome, sua magreza era terrível, com ossos que apareciam sob a pele. Esta experiência marcou-me profundamente, fiquei com os olhos cheios de lágrimas e o coração dolorido de ver aquela situação e desde então decidi criar uma ONG (Organização Não Governamental) ou algo do tipo para ajudar todos os cães da minha cidade. Para isso consegui juntar um dinheiro com doações de diversas pessoas e iniciei um resgate de cachorros abandonados na rua, um veterinário que é colega do meu pai foi convidado para trabalhar com a gente e assim surgiram alguns voluntários e uma corrente do bem começou a formar-se. A ironia é que esta foi uma corrente que não teve o objetivo prender, mas sim libertar os animais do sofrimento de adoecer e passar fome nas ruas.

Dois meses após o início dos trabalhos já havíamos conseguido um local para abrigar os cães. Foi um momento muito legal arranjar um local com comida, água e proteção para os cachorros desamparados, vê-los abanando o rabinho com um semblante animado e feliz dava mais ânimo e motivação para eu continuar com o trabalho. Ao todo construímos 150 casinhas para abrigá-los, principalmente na hora de dormir. Nós posicionamos todos eles de modo estratégico para que possíveis donos que tiveram seus cães perdidos pudessem ir conferir se seu animal estava lá, também convidamos pessoas para adotar os animais sem lar. Além disso, com as doações nós compramos ração, medicamentos, agasalhos e também brincamos muito com os animais.

Cada cãozinho tem uma história, todas são muito marcantes, mas a história mais emocionante de todas é a da cadelinha Aba, que apareceu quando eu e mais dois amigos, Pedro e Rafael, voltávamos da escola, um rapaz de moto parou em frente à minha casa e deixou a cadelinha lá, ela correu atrás dele desesperada, com um misto de choro e latido até não aguentar mais, voltou e deitou em frente ao portão de casa, no mesmo local em que o homem a deixou, então eu tentei colocá-la para dentro, mas ela recusava-se a entrar no quintal. Tive a impressão que ela estava aguardando o dono (que a abandonou) voltar para buscá-la. Ela ficou lá imóvel durante horas... e nada de ele (o suposto dono) voltar. Finalmente resolveu entrar e nós a adotamos, isso foi em 2014, mas sempre a surpreendo olhando para a rua com um olhar de esperança.

Por isso, se eu tenho deixado uma marca no universo ela certamente tem o formato de uma patinha canina, pois diminuir o sofrimento destes seres tão pequenos e indefesos é algo muito legal de fazer e isso me faz muito feliz. Alguns podem até dizer que este trabalho não é tão importante e que ajudar os animais não é o mesmo que ajudar pessoas, mas tem uma frase do Leonardo Da Vinci na parede do consultório veterinário em que levamos os animais doentes e

machucados que diz: “Chegará o tempo em que o homem conhecerá o íntimo de um animal e nesse dia todo crime contra um animal será um crime contra a humanidade”. O meu esforço e dedicação é para que este dia chegue e todos os seres vivos, tanto as pessoas como os animais e as florestas sejam tratados com carinho, respeito e amor.

CATEGORIA JUVENIL

1º Lugar Categoria Juvenil
Vinícius Ragnini da Silva

Jundiaí, 10 de agosto de 2017

Ilustre Maomé,

É reconhecendo-o e respeitando-o como icônico profeta introdutor do Islã, religião tão fortemente cultuada, que respiro ares de privilégio pela oportunidade ímpar de dirigir a ti um apelo compartilhado por toda uma geração. Tua feição de estranheza ao receber esta mensagem se constrói com naturalidade em meu imaginário. É compreensível que tu estejas elencando uma série de interrogações acerca de minha procedência: origem, identidade, caráter e honestidade; ou ainda, a respeito da absurdamente improvável possibilidade de que este documento remeta a um indivíduo situado quase dois milênios à frente na linha temporal. Pelo desprezo de coerência da qual carece a ocasião, imploro a ti que, com as mesmas convicções que teve ao confiar nas instruções do Anjo Gabriel, enxergues em minhas palavras a benevolência e a veemência de um ser que busca aconselhá-lo sobre os rumos que a consolidação Islâmica virá a tomar.

Não estou em quaisquer hipóteses assumindo a petulância de comparar minha insignificância com o esplendor da divindade que a ti mostrou a face. Utilizei da menção apenas para que tu acreditasses que conheço tua história e que necessito de tua confiança tal como o Anjo fazia.

Os anos em que vivo caracterizam tempos difíceis; extremistas que se dizem adeptos aos ideais difundidos por ti vêm manchando a história de teu povo. Através da prática de atos de crueldade e insensibilidade singulares, estes grupos arrancam com medonha indiferença o direito mais sagrado que alguém pode deter nesta passagem pelo mundo: a vida.

Os terroristas - assim denominados os muçulmanos extremistas - buscam abalar a ordem que norteia o globo atual e que têm como principais administradores potências ainda não existentes em tua época: os Estados Unidos e os países europeus. Tais nações ditam as rédeas do cenário mundial, impondo seus valores e decisões aos demais, sem que tomem consciência disso. Neste quesito, não há meios que eu possa encontrar para não defender intervenções que libertem os povos desta exploração. Contudo, sábio líder, o caminho tomado pelos terroristas ignora os preceitos de amor, união e coexistência dos povos tão prezados em teus ensinamentos. Não discordo da necessidade de abandonar-se o estado passivo, mas evidencio a urgência de uma proposta de fazê-lo sem que milhões de vidas inocentes arquem com as consequências de um problema causado por uma minoria culpada.

Efeito dos atentados direcionados aos países pontuados, o sangue derramado pelas terríveis atrocidades respingam em teu próprio povo, marcando-o. A fixação de um estereótipo de teu povo no imaginário social mundial é um reflexo que implica diretamente no cotidiano dos muçulmanos.

Devido às ações insanas de uma minoria, que utilizam de interpretações inapropriadas de teus ensinamentos, como justificativa para atos brutais, a maioria esmagadora de fiéis comprometidos com a vivência e leis de tua religião pena para contornar olhares de menosprezo, tendo que conviver com o desprezo dos que associam erroneamente o Islã às ameaças terroristas. O caos impregnado pelas ondas de terror abalou tanto a sociedade mundial que esta acabou adotando um sensor de alerta “antiterrorismo”, que se confunde com a rejeição de todos os indivíduos ligados às práticas muçulmanas. Espero que consigas perceber que esta confusão, não obstante do equívoco, justifica-se pela intensidade do trauma sofrido.

Dada a dimensão crítica dos acontecimentos, suplico que retomes a linha de raciocínio que lhe introduzi ao enfatizar que a causa primeira das más ações de alguns de teus irmãos é a interpretação indevida daquilo que tu definistes como ideal e próprio do comportamento e da missão de todo muçulmano. Posto isto, a tarefa que a ti encaminho é a de evitar a possibilidade de tais ambiguidades, afinal, tu és o pioneiro da religião, e se, pontualmente, condenares as ações impiedosas daqueles que por ventura não digeriram com sabedoria os pilares de teus ensinamentos, teu povo não se desuniria, tornando-o mais sólido na vivência segundo as convicções que transmitistes a ele, o que levaria à harmonia entre os povos, tal como previstes em Yatreb.

Sustento a posição de que por de trás dos odiosos que aterrorizam milhões de inocentes estão homens perdidos na distorção dos valores de sua própria fé. Não penses que estaria apontando falhas em teus direcionamentos, não assumiria tamanha prepotência. A mensagem passada é a de que, ainda que inspirados por seres divinos e incontestáveis, teus sucessores são humanos e, portanto, suscetíveis ao erro.

Espero que tenhas compreendido, o quão fundamental se faz teu posicionamento frente a esta catástrofe da contemporaneidade. Abominando previamente tu estes desvios de compreensão da fé Islâmica, diversas atrocidades que não só afrontam a vida, como também as normas de tua religião, se tornarão apenas falsas memórias minhas nesta folha de papel.

Um feito de maior notoriedade como o que tu podes vir a executar engrandecerá ainda mais o teu legado e tua figura como a de um símbolo de compaixão e de representatividade religiosa, mas acarretará em mudanças drásticas na história que eu conheço. Certamente, não podemos calcular os efeitos colaterais desta alteração no curso histórico, mas não vejo como capricho do destino o surrealismo que marca este contato entre eras: teve de acontecer. É sem pesar que traço este elo entre gerações e idealizo que tu também não cultivarás receio ou remorso por alertar teu povo de sua própria condenação.

Confio em tua sabedoria e apreço aos valores que carregas. Somente tu tens o poder da ação.

Agraciado pela honra de tua atenção,

V.

2º Lugar Categoria Juvenil
Thaune Naira da Silva Romão

Campinas, 14 de agosto de 2017

Excelentíssimo Senhor Kim Jong-Un,

Gostaria de apresentar-me devidamente, no entanto, creio que não fará a mínima diferença. Saiba apenas que sou uma, entre milhares de vozes, que gostariam de dizer o que dizer-lhe-ei, então:

Primeiramente, quero deixar, às claras, minha intenção ao escrever-lhe esta carta que é a de alertá-lo e dar-lhe um humilde conselho.

Foi-me dada a oportunidade de tentar mudar o curso da História convencendo alguém a fazer algo que acredito ser o certo. Algo que possa mudar o rumo de muitas vidas, não só as de quem vive, como também, a dos que não vivem. E o meu escolhido foi Vossa Excelência.

Nunca fui muito boa em me expressar como realmente gostaria, no entanto, darei o meu melhor para deixar claro o meu objetivo ao escrever-lhe.

Deve estar se perguntando: "Quais são os motivos que me levaram a escolhê-lo dentre tantas outras personalidades da História Mundial". Bom, os direi. Nota-se claramente o jeito "peculiar" com que trata seu povo; é visto não apenas em jornais, como também em revistas e vídeos, espalhados por todo o mundo, em todas as línguas, regiões, perpetrando entre ricos e pobres. Todavia, há apenas um lugar que, aparentemente, não se sabe o que passa no país em que V. Excelência "governa": a Coreia do Norte. E, com pesar, digo-lhe quem são essas pessoas. Sim, isso mesmo, os próprios norte-coreanos não sabem o perigo que os cercam.

Não digo como falsa acusação: já vi, ouvi e pesquisei por intermédio de diversos cidadãos norte-coreanos, que com muito esforço conseguiram fugir da ditadura que os assolava dia após dia. E as respostas foram sempre as mesmas: "Não podíamos dirigir, pois esse privilégio era e é exclusivamente daqueles que trabalham para o governo, política e militarmente."; "Não podíamos assistir, ouvir ou até mesmo gostar de quaisquer cantor/ator ou outro que tenha relação à América, se o fizéssemos, seríamos duramente punidos."; "Nossa televisão era limitada em apenas três canais, os três controlados pelo governo, se limitando apenas a propagandas políticas, até mesmo em desenhos infantis."; "Vivíamos cercados por muros, cercas, em estradas de terra - raramente passávamos por algum asfalto - trabalhando em campos de agricultura, em sua maioria. Tínhamos uma vida simples, como a de muitas pessoas americanas que viveram na época de 1920, com uma tecnologia escassa e fraca." Entre outros, um tanto quanto assustadores, como: "Por onde quer que passássemos, havia pôsteres e placas declarando ódio aos americanos, brincadeiras - que deveriam ser infantis - ensinadas em escolas, que mostram como deveríamos odiar a América e matá-los cruelmente caso os encontrássemos".

Claramente, nota-se o quão desatualizado o seu povo está. Isolados, desinformados e manipulados como se fosse um tabuleiro de xadrez, onde eles são as peças e V. Excelência o

jogador, que decide o rumo de cada um, sem medo de perder peça a peça para conseguir o que quer “a vitória”.

Eu apenas gostaria de saber... Por quê? Por que faz isso com pessoas as quais deveria proteger? Não sei o que possa ter passado em sua vida, muito menos como foi criado ou ensinado. Eu apenas gostaria de saber “o porquê” desse ódio todo, dessa mentira que cria em torno de si? Eu gostaria de poder abrir-lhe os olhos, e mostrar o quão errado e perigoso é o rumo que está tomando.

Está fazendo todo um povo sofrer ao obrigá-los a seguir suas regras, como se não tivessem vida, sobretudo, opinião própria.

Devo confessar-lhe que uma das coisas que mais admiro no ser humano é a sua capacidade de independência, de ter ideias próprias e viver à sua maneira. Esse é nosso maior privilégio levando em consideração o mundo em que vivemos. E, V. Excelência, simplesmente com sua arrogância tem-lhes tirado o bem mais precioso “o direito à liberdade”.

Lembre-se, de que não sou uma ameaça armada com a qual costuma lutar, minha arma são simples palavras através das quais, dou-lhe apenas um conselho, para prevenção de tragédias humanas e, sobretudo, para a prosperidade de seu reino na Coreia. Enquanto, por assim dizer, todos cegamente lhe seguirem, ouvirem e obedecerem, tudo estará bem. Mas chegará um dia em que abrirão os olhos e a mente e perceberão que tudo é um erro, que a vida é mais que isso a que estão acostumados, e que há alguém que os impede de viver de fato, de serem eles mesmos e de serem felizes. E esse alguém é V. Excelência.

O imenso desejo de liberdade os fará pensar que se há alguém no caminho deles precisarão tirá-lo se quiserem ser realmente livres. E que há sim maneiras de tomar o que lhes foi negado, mesmo que à força. Acredito que não será necessário dizer-lhe o resto.

Não lhe peço mudanças drásticas, apenas que pense melhor, pense nos outros, naqueles que dependem de V. Excelência. Comece por mostrar-lhes o mundo como realmente é, tirando essas regras ditatoriais absurdas. Dê um passo de cada vez, com segurança. Não lhe peço que mude toda sua ideologia e muito menos que apague tudo o que seus antecessores construíram, apenas gostaria que abrisse um pouco sua mente para o mundo em que vivemos. Não continue a história de outra pessoa, apenas crie uma nova, sua de fato. Mude as coisas e se faça ser lembrado como um bom líder, que revolucionou a vida dos norte-coreanos, e não como o líder que lhes nega a liberdade e que construiu uma rivalidade com os Estados Unidos. Construa algo novo, algo que seja proveitoso e bom para todos.

Talvez, Vossa Excelência queira a minha cabeça em uma bandeja após ler esta carta, no entanto, não temo, pois se morrer por isso descansarei feliz e consciente de que fiz a coisa certa, e que ao menos tentei fazer algo de bom para os meus semelhantes, assim como desejo que faça.

Sinto muito se o fiz perder tempo, apenas queria poder dizer algo que estava tirando-me a paz de espírito e certamente a de muitas pessoas do mundo todo, e a oportunidade me veio apenas agora.

Enfim, espero que Vossa Excelência se permita refletir e reconsiderar algumas decisões, mesmo que lhe custe tempo e, até mesmo, o orgulho.

Respeitosamente,

T.R.

3º Lugar Categoria Juvenil
Isadora Noronha Pereira

França, 10 de maio de 1431

Caro monarca Carlos VI,

Apenas explique-me o porquê. O porquê de não salvar Joana. Joana, aquela mocinha camponesa, dos pés cheios de terra, que invadiu seu tão glorioso castelo alegando ser a libertadora da França. Aquela juvenzinha, que viajou da longínqua terra de Arc até você, apenas com supostas instruções de nosso bom Deus. A famosa Joana D'Arc.

Joana foi capturada pelos ingleses, senhor, e está sendo humilhada desde então. Acusada de heresia, de bruxaria. E tudo isso pois estava tentando insistentemente resgatar nossa França, sua França, dessa redoma invisível em que os ingleses colocaram-nos, impedindo nossa libertação. A menina fez milagres com seu pequeno exército, e em alguns míseros anos, avançou mais do que todos os nossos homens juntos em décadas.

Isso nos prova algo, sabia? Nos prova que as mulheres também poderiam ter seu espaço, que nem sempre temos que liderar cada passo. Venho pensando sobre isso já faz certo tempo, estava afogado em meus pensamentos, mas não tenho poder algum para fazer o mais mísero avanço, então quis contar minhas ideias a você. É complicado, eu compreendo, pensar no mundo como um lugar igualitário, porém eu lhe dirijo esta carta justamente para tentar ajudá-lo a ver o mundo de um ângulo um pouco diferente, e para, então, fazer o singelo, porém significativo pedido: salve Joana.

Você é o monarca, tem todos os poderes e condições de resgatá-la e colocá-la novamente em ação. Você é um indivíduo de influência por aqui. Se Joana voltar, se seus homens souberem que você a ajudou, talvez isso lhes abra a mente para esse novo mundo que estou te oferecendo. Um mundo onde mulheres e homens serão tratados não como mulheres e homens, mas como humanos. Com os mesmos direitos e possibilidades. Pense em como Joana pode te ajudar ainda, como ela pode, trabalhando ao seu lado, finalmente fazer com que nos livremos dos ingleses, desse tormento sem fim, dessa guerra que já se prolongou tanto. Após a guerra, com certeza seríamos vistos como heróis, nos reergueríamos, e você e Joana seriam símbolos de bravura e irmandade.

Ao longo de toda nossa existência, nós homens fomos tidos como superiores e líderes, enquanto as moças são usadas e descartadas facilmente. Tivemos diversas questões sucessórias que levaram a guerras, que se iniciaram simplesmente, pois não haviam mais herdeiros homens para assumirem o trono. Tantas dinastias que poderiam ter se prolongado muito mais, tantas famílias que poderiam ter ficado colossalmente mais marcadas e conhecidas na história, mas que permitiram a fusão de outras linhagens em seus poderes, pois os sucessores mais próximos eram apenas mulheres.

Inúmeros direitos são privados da população feminina, tornando nossa trajetória marcada apenas por homens. Acredito que Deus não criou a mulher apenas para fins reprodutivos, e sim, como uma companheira fiel. Eva foi criada a partir da costela de Adão, tirada da região que mais dividia seu corpo em metades iguais, para que ela não fosse superior a ele e também para que ele não fosse superior a ela. Isso é um fato, senhor. Deus nos diz para que andemos lado a lado, então por que rebaixamos todos os que não pertencem à comunidade masculina?

Se Joana D'Arc já nos fez tremendos avanços, pense em quantas outras mulheres também podem possuir o mesmo potencial, a mesma persistência, sede de evolução, e que poderiam ter um papel imensamente importante em nosso mundo, mas estão nesse exato momento enclausuradas e escondidas por medo de serem repreendidas pelos homens. Joana já conseguiu um destaque que ninguém nunca havia conseguido, ela seria a inspiração capaz de encorajá-las a perpetuarem seus nomes em todos os cantos do mundo. Ela possui qualidades e persistência suficientes para iniciar um enorme movimento, que faria com que trabalhássemos todos juntos, enfrentando todos os males.

Enfim, preciso terminar por aqui, necessito voltar às minhas atividades, e minha tinta está por acabar. Se você chegou a ler até aqui, lhe devo um enorme "obrigado". Se, em sua visão, isso apenas usou seu precioso tempo sem necessidade alguma, lhe devo humildes desculpas. Porém, acima de tudo, imploro que tente analisar meus argumentos, de homem para homem, e seja capaz de enxergar o quanto resgatar aquela garotinha pode beneficiar seu poder e metamorfosear toda uma geração. Mulheres têm poder, e devem ser capazes de mostrá-lo.

Atenciosamente e com imenso respeito,
Uma mente revolucionária.

4º Lugar Categoria Juvenil
Maria Fernanda Maia Lima

Alemanha, dezembro de 1938

Excelentíssimo Führer e chanceler do Reich,

Como uma viajante no tempo que busca corrigir marcas ruins do passado e tendo conhecimento acerca de seu livro Mein Kampf e suas intenções a respeito da raça ariana, cheguei à conclusão de que era muito importante escrever esta carta. Nós dois sabemos que a Alemanha saiu muito abalada da Primeira Guerra Mundial, principalmente devido ao Tratado de Versalhes, que considerou o país o responsável pelo conflito. Dessa forma, sabendo que é chanceler e Führer da Alemanha nazista, peço-lhe que mude sua ideologia, pare com o antissemitismo e não comece uma guerra, para que não prejudique a todos e seja considerado o “alcoz da humanidade”, o que ocorrerá caso insista nessa trajetória.

Em primeiro lugar, sua concepção ideológica é marcada pelo darwinismo, que apresenta a teoria de que, como na selva, somente os mais aptos sobrevivem. Assim, no plano político, é notável que acredita na apologia dos mais fortes e deseja a supremacia da raça ariana que, para o senhor, é a linhagem “mais pura” e evoluída dos seres humanos. A partir disso, a grande importância que dá a noção da existência de raças humanas diferentes e superiores umas às outras é um pensamento racista, o qual não possui nenhuma prova científica, já que, segundo os geneticistas, a constituição genética de todos é semelhante o suficiente para que a mínima porcentagem de genes distintos não justifique a classificação da sociedade em raças. Logo, o racismo não expressa a realidade e é um conjunto de opiniões pré-concebidas cujo objetivo é ressaltar as diferenças biológicas entre os seres humanos.

Sob outra perspectiva, sua visão de mundo é etnocêntrica, baseada na ideia de que o seu grupo é o centro de tudo e que as diferenças são uma ameaça a sua identidade. Entretanto, é preciso compreender o outro a partir de seus próprios valores e não dos seus, desprender-se dessa perspectiva de mundo, se empenhar no diálogo e enxergar as diferenças em sua dimensão de riqueza por ser diferente. Judeus, ciganos, homossexuais, poloneses, comunistas, entre outros... são todos seres humanos, apresentam os mesmos direitos e merecem ser tratados com igualdade perante a lei, a medida que não existe nenhuma prova científica que argumente o antissemitismo e a segregação que tem promovido.

Vale ressaltar que, como sujeito social e político, senhor, seu dever é agir, sobretudo, com solidariedade, respeito e comprometimento pelo desenvolvimento do país e das pessoas da sociedade. Além disso, tendo em vista a ética, todas as ações no meio social precisam visar à integridade e à dignidade humana, buscando o bem estar social. Dessa forma, as leis raciais de Nuremberg, a “noite dos Cristais”, a eugenia nazista e todas as medidas raciais de segregação ferem a ética e a dignidade humanas, as quais o senhor deveria defender como cidadão e político.

Por fim, todos os seres humanos deixam impressões que marcam a sociedade em que viveram. Assim, Hitler, as marcas que o senhor tem deixado são de intolerância, crueldade, ódio e violência, a qual, segundo Jean Paul Sartre, é sempre uma derrota, independente da maneira como se manifesta. Logo, suas medidas não se apresentam como um pensamento de uma suposta “raça evoluída”, pelo contrário, representam a degradação humana. Contudo, ainda é possível que evite uma derrota, no plano social e político, e o meu apelo é que abandone suas ideologias que ferem a dignidade humana, como o antissemitismo e a eugenia. Por conseguinte, o senhor poderá marcar positivamente a sociedade, tornando-se um líder que deixou um legado de cidadania e respeito, e não de preconceito.

De alguém que deseja ser atendido,

5º Lugar Juvenil
Luiza Taccaci

São Paulo, 15 de Agosto de 2017.

À Sua Majestade Imperador Dom Pedro II,

Vinda do mesmo Brasil, porém com vários séculos e anos depois, eu humildemente lhe informo outra visão de como seria o vosso, o meu e o nosso Brasil, se o transcorrer da história tivesse sido diferente.

Atualmente, em pleno século XXI, enfrentamos no Brasil casos que desde vosso tempo, em 1840, eram comuns na sociedade, como: machismo, racismo, xenofobia, disputas religiosas e diversas crises políticas. Podemos observar que inclusive em vossa geração, formada por reis altamente letrados, houve a tentativa de administrar o país com boas ações para manter a economia em progresso e evoluída, no entanto, essas tentativas não foram bem sucedidas, sendo cobertas por falhas. E até hoje, eu e a minha geração, chamada atualmente de “geração Y”, sofremos. Mas, e se o Senhor tivesse resistido ao golpe? O Brasil seria de outro jeito?

E se vossa filha, Isabel Cristina, Princesa do Brasil... fosse decretada como a próxima Imperatriz brasileira? Não seria um futuro talvez diferente para o nosso tão amado Brasil? Vejamos. Ela libertou por lei os escravos, após assinar a Lei Áurea (onde os negros no Brasil não seriam mais obrigados a trabalhar contra a sua própria vontade). Também, se ela fosse a nossa soberana, seria a primeira mulher a governar o Brasil, permitindo com o seu exemplo, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e, colocando-as como novas ajudantes para a evolução da economia brasileira. Desta forma o Brasil iria evoluir economicamente, desde 1888, e não nas últimas décadas do século XX. Não seria uma boa evolução? Sim eu sei que em vosso período seria incorreto, leviano e talvez insano. Mas saiba que com grandes mudanças surgem grandes vitórias.

Existem vários países, que devido à aceitação da mulher no mercado de trabalho, tornaram-se grandes potências mundiais. Um exemplo é a Inglaterra. Esse país é até hoje referência econômica. E sua rainha, Elizabeth Alexandra Mary, atualmente é referência para o seu país, para a Europa e para o mundo. Por consequência, atualmente, a mesma Inglaterra, devido à aceitação das mudanças, da evolução tecnológica e da disposição popular de evoluir economicamente, tornou-se a maior potência econômica do século XXI.

Eu sei que, Vossa Majestade, viu-se na obrigação de assumir uma nação, mesmo sendo uma criança de apenas cinco anos. E que mesmo carregando este fardo, continuou os planos de vosso pai, Dom Pedro I. E aos 14 anos, seguiu o poder Moderador, além disso, vivenciou inúmeros litígios entre os partidos liberais e conservadores (1842). Teve também a Guerra dos Farrapos (1845) e a Insurreição Praieira (1848), em Pernambuco. A Guerra do Paraguai foi um

grande marco para o Brasil, mas saiba meu querido Imperador Dom Pedro II, isso não foi o suficiente para manter um país forte economicamente e ideal para a nação brasileira.

Acredito que se vossa filha, a Princesa Isabel, fosse educada e treinada para ser a futura regente do Brasil, isso sim seria um possível diferencial para o nosso país que hoje vive uma das piores calamidades políticas. Seria o novo, seria a mudança.

Mas nós não sabemos, nem eu no ano de 2017, no século XXI, nem o Senhor Dom Pedro II, no Século XVIII. A única certeza que temos é que o Brasil passou por diversas crises, desde o término brusco do seu reinado. Nós brasileiros sofremos as consequências advindas desse período. Eu imagino que agora depois de ler isso, Vossa majestade esteja a pensar: “E se eu tivesse uma atitude diferente, o futuro do meu Brasil, também seria diferente?”. Eu creio que sim. Já que o futuro de agora, está em péssimas condições, sim meu caro Dom Pedro II, o nosso Brasil está deplorável, a vossa pátria chora, invoca, anseia por ajuda.

A nossa bandeira, está manchada por prantos e sangue de tantas lutas póstumas a vossa. Saiba que hoje as palavras descritas em nossa bandeira não têm o seu simbólico valor. Não existe ordem, e está em regresso. Não existe o verde da Amazônia, não há o ouro amarelo de Minas, está esgotado o azul dos oceanos e mares, e as estrelas de cada estado, a cada dia que passa, perdem o seu brilho.

O nosso povo brasileiro está desistindo de nossa pátria... Existe desgosto e amargura com o nosso país. O Senhor gostaria que isso continuasse? Que se mantivesse? Acredito que não.

Então, meu querido Imperador Dom Pedro II, permita-se mudanças desde agora, em seu período de governo, deixe que talvez ocorra uma possível mudança do futuro de nosso Brasil.

Não desista de sua pátria. Não retorne a Europa. Lute, e faça com que o seu amado Brasil, seja o país que sempre almejou. Faça que todas as nossas lágrimas, sangue e desespero não sejam em vão, eu e todo o país suplicamos vossa coragem para manter-se aqui, Vossa Majestade!

Não permita que nossa pátria seja manchada novamente. Vossa filha é uma possível mudança de governo, uma possível mudança econômica e social. Permita que ela seja a Imperatriz. O Brasil está em crise desde vosso passado, e agora só o Senhor poderá fazer esta escolha. Manter um Brasil corrupto, pobre em sua cultura, no seu social, na sua economia ou tentar fazer um Brasil desenvolvido, com um bom ciclo econômico, em pleno respeito social, cultural, e sem corrupção. Trazendo a vosso povo o orgulho de ser brasileiro! E consequentemente, fazendo com que as futuras gerações amem e respeitem o nosso Brasil.

Grata,

Vossa apreciadora do século XXI

CATEGORIA ADULTO

1º Lugar Adulto
Marília Bernussi

Memórias, sonhos e canções...

A lagoa era circundada por vasta vegetação, suas águas eram convidativas e altamente perigosas, imensos redemoinhos, que pareciam querer engolir tudo ao seu redor, engolir tudo e a todos. E, eu magrelinha de cabelos negros encaracolados, me exibia, andava de cócoras sobre a tubulação acima da lagoa, toda feliz me sentindo a dona do mundo...

A lagoa Samarone tinha um cano bem largo no sentido da largura, ligava uma margem à outra. Lá de cima era possível contemplar a paisagem, os pássaros que sobrevoavam o céu e as matas, quando arriscava olhar para baixo, via aquelas águas em movimentos contínuos, era um cenário encantador, uma tarde plena de magia, ali reinava a paz!

O silêncio foi quebrado por uma voz de mulher mais velha, uma voz rude que dizia:

- Saia daí menina! Quer morrer? Vai embora!

- Vou procurar os seus pais e contar a eles o que você vem fazer aqui, aposto que eles não sabem, sabem? E continuou falando, falando...ela era muito brava!

A mulher azeda, despertou a rebelde que existia em mim, mostrei a língua para ela e sai em desabalada carreira, gritando o nome dos meus amigos que brincavam de guerrinha de mamonas e nem sequer prestaram atenção ou ouviram as ameaças da mulher.

- Jonas, Serginho, vamos embora, corram!

Nem vimos o tempo passar e quando chegássemos em nossas casas, seria um caso sério. Como iríamos driblar os nossos pais? Ah! Eu ia apanhar... corremos muito pelas matas, atravessamos plantações, linha de trem, hortas... como esquecer a horta do japonês e seus incríveis morangos? Claro que os colhíamos, mas não éramos os culpados, apenas obedecíamos ao desejo de nossas lombrigas, elas sim eram as vilãs!

Cheguei em casa exausta, ofegante, corpo e cabelos molhados de suor, porém antes de entrar na sala, já havia espiado pela janela e visto a cara de “poucos amigos” de meu pai. Andando de fininho fui para a casa da minha avó, ela morava na parte dos fundos, no mesmo quintal. A minha Avó Marica já estava acostumada, me escondia embaixo de sua cama até as coisas se acalmarem, ela era minha cúmplice, quando se tratava de escapar do meu pai e suas cintadas.

As coisas eram previsíveis, sempre o mesmo ritual, no dia seguinte o mesmo castigo, ficar ali enclausurada no quintal, que tédio, que monotonia! O que salvava o dia era a cantoria das vizinhas; começavam seus afazeres, cantando belas canções italianas e eu ali sentada no chão de terra batida, sabia “de cor e salteado” o repertório delas, acompanhava-as baixinho, tinha uma canção que era a minha favorita “Tanto Cara”, não entendia a letra, mas dava um aperto no coração, grazie “Guido Renzi”.

Felicidade... felicidade mesmo era quando a tia Ivone nos visitava, sempre com um sorriso nos lábios, sabia ouvir as pessoas, socorria a todos em suas necessidades, reunia a simplicidade, gentileza e ternura, ela tinha o dom de transformar um simples dia numa obra de arte. Época feliz em minha vida: quando eu era trapezista de circo, treinava em um pequeno pé de limão, não tem como esquecer essa fase, carrego uma cicatriz na perna como lembrança, bem melhor esse tipo de cicatriz; poderia ser pior, é mais leve que uma cicatriz na alma. E quanto ao circo, a maioria das crianças já tiveram essa fantasia, uma amiguinha sonhava em ser malabarista, e olha que ela era boa em equilibrar coisas. Tão nova e eu já era motorista, dirigia um carrinho de rolimã, descia gritando ladeira abaixo, disputava com os meninos do bairro, que aventura, adrenalina pura!

Uma buzina insistente entrou pelos meus ouvidos...Meu Deus! Perdi completamente a noção das horas, preciso preparar o jantar, estava procurando alguns documentos, quando encontrei um álbum antigo, com fotos amareladas, mal focadas, distorcidas e em muitas lá estava eu! ... Foi nesse momento que a minha viagem de volta ao passado começou, gavetinhas em minha memória se abriram, expondo cenas da minha infância, cenas que estavam adormecidas. Tantas recordações, sonhos com um futuro melhor e um desejo imenso... felicidade! E os dias passaram, a menina se foi...e agora mulher adulta sinto falta da inocência, sinto falta da menina sonhadora e cheia de vida que já fui um dia, às vezes me encontro com ela no universo das escritas, universo da poesia...

La mia bambina/ E do nada as recordações.../ da infância feliz e querida/ E junto com ela belas canções/suas letras espelhos da vida. / Ouço sons e revejo belas imagens/ Uma garota cheia de sonhos e leveza/ Choros, risos, seriedade e algumas bobagens/ Coisas singelas e de imensa beleza!/ Da Mãe o aconchego, amizade, fidelidade/ Dos irmãos brincadeiras, brigas e folia/ Do pai vigilância e certa austeridade/ Família comum, prezava a alegria!/ Das Vizinhas Italianas levo comigo/ A amizade e suas lindas e tristes canções/ Uma letra em especial foi meu abrigo...“Tanto Cara”,/ a bambina viveu emoções./ Tão bom reviver o passado/ A menina me guia nessa estrada/ Nada esquecido, adormecido, acabado/ Ela me faz cada vez mais forte, realizada!

Fiquei ali folheando o álbum, envolta em minhas divagações, eu era realmente uma pessoa de sorte, pelo fato de ter conhecido, ter convivido com tantas pessoas boas e todas elas com personalidades diferentes, gostos diferentes, cada uma à sua maneira, porém todas com um rico conteúdo: bondade, honestidade, caridade... falhas, quem não as têm? Muitos já se foram, estão longe de minha visão, mas sei que olham por mim, deixaram verdadeiras lições de vida e com elas aprendi e tento melhorar a cada dia. E um dia, lá no futuro, quando os meus filhos e netos abrirem o nosso baú de recordações, que eles possam sentir as marcas que deixei através de atos, gestos, palavras de incentivo, valorização, momentos felizes e também os tristes que passamos juntos, os sorrisos, as gargalhadas, estes sim, são tesouro de real valor! E saibam decifrar as entrelinhas de minhas poesias, livros; sonho em escrever um, quem sabe um dia?!

E sintam também... a minha imensa vontade de viver, que espalhem aos quatro cantos o quanto fui amada, amei e fui feliz!

Cicatrizes incuráveis

Neve. Calor. Inverno rigoroso. Verão seco. Dias. Meses. Anos se passando numa correria lenta. Morte. Muitas mortes. Aliás, eu ajudei na maioria delas. Assassinei. Levei culpados aos campos de concentração e às câmaras de gás. Inalei o ar escuro do momento sem mais respirações. Mas eles ainda corriam. Correria dos que não faziam parte da raça ariana de Hitler, ou seja, não era branco, alemão e cristão. Mas corriam também soldados. E nós – soldados – corríamos para matar.

Exterminar. Era sangue e tortura. Eu ajudei. Eu participei e dei toda a minha força àquele objetivo de eliminação dos pretos, dos estranhos e dos impuros judeus.

Era Segunda Guerra Mundial e eu tinha por volta de 20 anos. Servi ao exército de Hitler porque quis. Porque tinha orgulho daqueles que estavam aliados à vontade maior. Matei e torturei porque sentia prazer em servir minha pátria. Judeus eram desnecessários. Serviam só para ir contra nós: brancos, alemães e cristãos. Entendeu? Cristãos. Ah, também tinham aqueles negros sujos que traziam doenças venéreas. E, claro, os homossexuais. Esses que já nasciam doentes. Não fazia sentido aquele tipo de gente continuar existindo. Aliás, pode-se chamá-los de gente? Nojo. Era o que eu tinha deles.

A ideologia nazista genocida excluía, literalmente, os que não estavam de acordo com seus ideais disseminados. Eu lembro. E como lembro! Lembro que via aquele caos e sorria. Via o negro morto e sentia que o Führer estava me agradecendo e abençoando. Mas via também os negros chorando, fugindo e implorando a vida. Observei com meus próprios olhos a intensa discriminação e o enorme preconceito contra homossexuais. Seus uniformes eram até diferenciados para serem identificados mais facilmente. Não só estes, mas também judeus eram perseguidos apenas por não compartilharem da crença comum desejada.

Eu, hoje, sinto. Sinto muito e tanto... A crise e a destruição moral de que participei não podem ser remendadas ou curadas. É irreversível. As pessoas jamais me perdoarão. Seus corpos sequer podem me apedrejar. Suas vozes não podem ao menos soar. Estão mortos. Mas suas almas podem me acovardar ainda mais.

Fui muito covarde. Eu quem sou o fraco. Deixei aquela ideologia sacana e ilusória me dominar. As feridas que o nazismo deixou não se apagam. As famílias que destruí não retornam. E eu... eu me arrependo demais. Queria voltar no passado para mostrar que do mesmo jeito que os homens lutam pela guerra, podem lutar pela paz, pelo respeito, pela diversidade e pela compreensão.

Eu me arrependi e me arrependo. Mas isso só veio com o tempo e com os tapas que a vida nos dá. O mundo é redondo, pois é. E o mal que fiz, hoje volta para mim. Com 96 anos nas costas e preso. Com 96 anos e uma péssima marca no mundo. Eu matei vidas, almas, amor e

esperança. Produzi cicatrizes incuráveis. Mas, eu juro que hoje tenho a consciência do que fiz e não quero deixar essa impressão prosseguir por mais anos.

A guerra traz e deixa marcas que percorrem por séculos. A guerra se autodestrói. Mas eu queria deixar claro que podemos nos mudar e mudar o nosso redor. Hoje, apesar de estar preso, sei que é justo. Hoje, colho o fruto do meu arrependimento. Mas deixo no mundo em que estou as marcas do amor, da paz e da esperança, pois é por meio delas que quero ser, agora minimamente, recordado. Respeito é algo que jamais pode faltar. Compreensão é primordial para um mundo tão diverso. E amor, paz e esperança são o que nos faz prosseguir.

Agora, eu já me sinto nos últimos respiros e deixo para você que está lendo minha memória e meu arrependimento um dever: marque o mundo com sua essência, mas nunca se esqueça do outro. Entenda o outro. Respeite o outro. Compreenda o outro. Mas, também, se ame e dissemine a paz. Assim, o mundo renascerá e mostrará que é possível marcar o domínio do bem. Não. Não seja como eu. Jamais. Viva do lado do bem desde o início e não permita alienações. Critique-as. E viva o libertar!

Minha alma agora segue para um infinito ainda desconhecido. E a sua segue com os corpos do bem que agora tomam e continuam o ciclo da vida na Terra.

Vitória: Uma questão de ponto de vista

Vivi num tempo em que não se tinha internet, tevê por assinatura e celulares abarrotados de jogos. A alegria da criançada era brincar na rua, felicidade era competir nas gincanas esportivas do colégio. Foi quando fiz 15 anos, tempo bom, que me destaquei numa destas brincadeiras da matéria de educação física, e fui convidada a participar da competição interescolar da cidade no atletismo.

Preparei-me muito, papai sempre me incentivou, era um homem bom, gostava de dizer que eu corria rápido por conta das pernas que eram compridas como as dele. Não era de falar na hora do almoço, porque tinha sempre um radinho junto ao ouvido pra ouvir as notícias da nossa cidade, mas sempre que se lembrava, me dizia que Íris (meu nome) significava “veloz” e que escolheu porque sabia que eu ia ganhar esta competição. Claro que nunca imaginou, mas gostava de me ver sorrindo imaginando como teria sido a escolha do meu nome, antes ainda d’eu nascer.

Chegou o dia da corrida, que por sua vez, estava nublado, e se se tratasse de uma pessoa, diria até que estava emburrado. Eu havia prendido meu cabelo comprido em um rabo de cavalo no alto da cabeça e me vesti com um agasalho cor de ouro, lá me aquecia enquanto olhava em volta todos aqueles adolescentes, de diferentes escolas, se preparando para correr mais do que eu. O juiz usava óculos escuros, e me lembro de ter tentado olhá-lo nos olhos quando pegou na mão o apito amarelo que sopraria para dar início à corrida. Quando soou o agudo sinal, eu disparei rumo à chegada, corri o mais rápido que pude. Eram quatro voltas no total, somando 200 metros, eu estava em segundo lugar, a poucos metros do final, quando a menina que corria a minha frente caiu sobre os joelhos.

Passei por ela e atingi a faixa branca que dois homens fortões seguravam marcando a área de chegada da competição. Havia muitas pessoas ali, familiares e amigos de todos os concorrentes de todas as modalidades, e me lembro de sentir meu estômago embrulhar quando ouvi no microfone a voz que anunciava o nome de minha escola junto ao meu.

Meus pais choraram de orgulho, meu irmão menor, pela primeira vez me abraçou sem que o mandassem fazê-lo, mas eu não consegui dormir ao me deitar naquela noite, tampouco nas próximas.

Alguns anos se passaram, me desfiz de todos os pôsteres das bandas de rock que tinha espalhados pelas paredes do meu quarto pequeno, tirei minha carteira de habilitação, o que era raro para uma garota recém-graduada nos anos 80.

Nunca esqueci aquela imagem. Sempre que fechava os olhos, lá estava eu, no dia da competição, vendo a minha frente a menina caída ao chão, e assim deixando livre para mim o primeiro lugar.

Depois daquele dia, só corria com meu pai aos domingos de manhã, para passarmos um tempo juntos, já que eu tinha ido morar em meu apartamento há algumas quadras da casa dele.

Acordei um dia, olhei em volta e me assustei. Havia um walkman tocando heavy metal caído ao chão do quarto da casa de meus pais (que voltara a ser como era antes) e meu irmão passou por mim, tinha voltado a ser criança. Não entendi nada, estava meio zonha ainda, procurando uma forma de acordar daquele sonho esquisito, quando papai entrou no quarto e disse "querida, vamos nos atrasar, você tem de se aquecer". Olhei para o mural de recados pregado à cabeceira de minha cama e mal pude acreditar quando vi o calendário. Era 1986, eu voltava a viver o dia da competição.

O dia estava nublado, se se tratasse de uma pessoa, diria até que estava emburrado. Eu havia prendido meu cabelo em um rabo de cavalo no alto da cabeça, e me aquecia quando me dei conta de que estava tendo uma segunda chance para mudar o final desta história! Quando soou o agudo sinal, eu disparei rumo à chegada, corri o mais rápido que pude. Ao final da quarta volta, quando vi cair a menina que chegaria em primeiro lugar, parei ao lado dela, e a ajudei a se levantar, ela me abraçou. Corremos juntas e, de mãos dadas, ocupamos juntas o oitavo e último lugar. Meus pais choraram de orgulho, e os pais dela me abraçaram também. Desta vez os pais dos outros corredores também ficaram felizes por mim, e novamente, gritaram meu nome, mas desta vez, eu sabia que quando minha cabeça encontrasse o travesseiro a noite, eu iria descansar tranquila.

Há quem diga que eu não venci, porque não subi num pódio, nem ganhei nenhum troféu. Mas fui a melhor pessoa que consegui ser, e se cruzei a linha de chegada com humildade, assim me senti nobre. Tenho certeza de que ali então eu deixei a minha marca, para aqueles que me assistiam eu fiz a diferença, e para meu coração, eu cumpri a minha missão!

Filme o mundo antes que aconteça

Ainda me lembro de quando enlouqueci. Nada me faz ter mais medo do que sentir o vento forte que levava consigo as árvores do morro atrás da Rua Sete. Esperava ter sido levado junto. Não consigo me recordar o que me levou a acreditar que o mundo acabaria ao final das tardes. Contudo, passou a ser rotina esperar que o fim trouxesse algum alívio. Até Eleanor me salvar. Recordo-me, nesse dia reservado a minha loucura, estar sentado no morro esperando que o pôr-do-sol se apagasse, e o vento acabasse com qualquer vestígio de vida. O que me levou a isso, fora o destino tomado por Eleanor, e a falta de perspectiva sentida por mim naquele momento de solidão.

A mudança da Rua Sete, para outra rua, parecia simples: encaixotar, e 'Olá, mundo novo'. Mas não saíra como planejada. Foi difícil desmontar a decoração minuciosa do quarto de Eleanor. As dezenas de pôsteres pendurados pareciam estar em movimento. As coleções intermináveis. A foto do time de futebol, com o seu capitão ao centro. As roupas, limpas e dobradas, que pararam no tempo. E, escondido atrás de uma cama, algo que mudaria meu futuro: a máquina do tempo de Eleanor.

A máquina, apesar de enferrujada como sempre fora, ainda funcionava, e encontrava-se escondida no quarto. Não demorei a perceber que eu havia mudado. Ali, sentado, percebi que a ferrugem encontrava-se em minha mente, e não seria fácil lubrificá-la novamente. Eu precisava de uma perspectiva, e mesmo não sabendo, fora a melhor ferramenta que obtive. Eleanor sempre fora perspicaz. Sabia que eu a acharia e a usaria. Ele estava certo, pois acabei ligando-a.

Não foi difícil crescer na Rua Sete. Não junto de Eleanor. A chegada do asfalto transformou nossa rua em um grande ponto de encontro. Ao lado esquerdo da rua, encontravam-se casas de sapê simples, e ao lado direito, terrenos cobertos pela mata virgem, que ao passar dos anos, se transformaria em um condomínio. Era nos gramados atrás dos eucaliptos, que se reunia a União Vermelha. O time de futebol do bairro, comandado pelo grande astro de dentes avantajados, Eleanor, fora invicto em derrotas durante anos. Mesmo assim, era campeão em atrair multidões enlouquecidas a cada jogo perdido. Quando se viam a frente do placar, tratavam logo de desleixar a defesa, pra que a tradição de derrotas fosse mantida.

Eleanor me contou que a intenção não era serem os melhores, mas sim os que trariam mais alegria as pessoas. Assim sendo, o time deixaria sua marca e jamais seria esquecido. E não foi desde então. O campo não existe mais, e a contagem de derrotas, permanecerá desconhecida.

Só agora, com a máquina, consigo perceber que Eleanor tinha ideias perigosamente geniais. Foi dele a ideia do "Primeiro Campeonato Internacional de Carrinhos de Rolimã (somente corredores da Rua Sete. Grato)". A Rua Sete era uma ladeira que podia chegar a incríveis sessenta graus de inclinação, que se encontrava com a esquina da Rua 10, formando uma curva

tão íngreme, que os carrinhos soltavam gigantescas faíscas que mais pareciam fogos de artifício. Eleanor era o cara! E eu, seu irmão mais novo. Naquela época, éramos versados em Cinema. Ou gostávamos de nos imaginar dessa forma. Nosso primeiro filme, feito com nossa Super Oito (era tão enferrujada que nossa mãe pedia que lavássemos a mão depois de usá-la), ganhou cinco prêmios de direção na imaginação de Eleanor, e mais dois na minha. Sempre fui o mais exigente. Sem dúvidas um grande sucesso.

A película se passava no quintal da casa doze, no gramado, com locações no telhado, no galinheiro do vizinho, e no morro uivante. O morro era extremamente alto, e o vento que batia nas árvores, fazia com que o morro uivasse o dia todo. Era o fim do mundo.

A trilha sonora, feita pelos pássaros, ditava o ritmo de aventura sem perder a emoção do protagonista. As galinhas executavam o papel com perfeição. O telhado, só perdia em altura para o morro. Eram quatro metros e meio de pura vertigem. Infelizmente, essa obra nunca alcançou o grande público devido a problemas na produção. Eleanor achou que seria uma boa ideia me transformar em um dragão alado que dizimava populações inteiras (no caso, uma galinha que ciscava solitária no gramado) com o fogo que saía de sua boca. O resultado era previsto. Consigo agora me lembrar da palavra 'AÇÃO' e em seguida, gritos de piedade de Eleanor para com a nossa mãe. Os sete prêmios viraram sete pontos na parte superior aos olhos e uma cicatriz, ainda conservada com orgulho.

Eleanor não desejava ficar marcado como o capitão da União Vermelha. Ele gostaria de registrar o mundo através de uma câmera, mas o talento para isso encontrava-se comigo. Ele acreditava que a nossa Super Oito, era a melhor definição de máquina do tempo: criada pelo homem, para que o mesmo pudesse acessar o passado. Assim, cada pessoa teria seu momento marcado na história. Eu o seguia em tudo, então ainda trago comigo vestígios dessa filosofia. O talento estava mesmo em mim.

Nunca irei entender porque Eleanor decidiu que era uma boa ideia partir pra um lugar sabendo que eu não teria acesso. Estava tão fascinado, que não percebi o quanto ele estava sozinho. E não fosse pela Super Oito me permitir revisitar o passado, ainda estaria esperando pelo fim do mundo. Lembro-me de estar sentado ali, imaginando ele ao meu lado. A fotografia sendo feita pelo pôr-do-sol. O canto dos pássaros agora dava lugar a uma trilha sonora do desastre, feita pelo vento. O filme de Eleanor era agora o Curta-Metragem da dor. E a saudade ditava o ritmo lento e sem o mínimo de aventura.

A Super Oito, era a perspectiva de que eu precisava para lembrar-me de como Eleanor fora importante não só pra mim, mas pra uma comunidade inteira. Ele deixou sua marca, e sabia que quando eu fraquejasse, a câmera me mostraria um novo caminho. Na Super Oito, continha um pedaço dele, que será distribuído por mim deste momento em diante. Hoje, revendo o que ele registrou, entendo qual será minha marca: registrar o mundo com uma câmera, e tornar cada momento dele, uma nova história a ser contada. E se o mundo realmente acabar, melhor que eu o filme antes que aconteça.

Meu reino

A vida, dizia meu pai, é para ser conquistada; e conquistei. Resultado de muita dedicação. Derivei de família humilde, sem estrutura ou auxílio consegui tudo por mim mesmo – pensava eu – anos e anos de estudos e venci. Isso me deu o direito de minhas próprias escolhas, meu anseio seria o bastante. Contudo, não era.

Por muitos anos me considerei privilegiado. Sucesso. Dinheiro. Família. Tudo que um homem almeja. Eu, sabedor de minha situação, aproveitei todas as regalias, abracei todos os privilégios. Ainda que, fazendo-os conspirar ao meu favor, eles não me confortam mais. Nunca a máquina de Wells fez tanto sentido para mim. Se tivesse uma máquina do tempo, olharia a vida com outros olhos. Viveria de outra forma.

Todos nós queremos deixar uma marca no mundo pela qual seremos lembrados. Faz parte do ego, da vaidade. Queremos nos destacar, sermos os melhores e desfrutar desta posição. Porém, poucos temos de altruístas, uma causa nobre quase nunca é o que move o coração humano. De alguma forma, somos um pouco de “Narciso”.

As palavras sempre foram minha paixão. Queria me tornar um escritor. Vendi milhões de livros. Pude saborear o prazer da vitória, em cada solenidade, em cada um dos autógrafos, taças de presunção. Fiz minha parte na sociedade. Construí meu império. Para isso, sacrifiquei tudo o que considerava adiável. Trancado em meu escritório, diante dos versos que surgiam, perdi as primeiras palavras de minha filha, suas apresentações escolares, suas sublimes risadas. Perdi a terapia de meu pai. Perdi as conversas com minha esposa, nossas caminhadas no fim de tarde. Nunca mais reservamos uma noite para olhar os astros – nosso hobby preferido – enfim, deixei de lado tudo àquilo que nos uniu. Adiei todos os passeios. Quantos abraços interrompidos? Enquanto acendia a chama do triunfo, não percebi as estrelas se apagarem.

Há cinco anos minha esposa pediu divórcio. Minha filha nem hesitou com quem iria ficar. Elas tinham de tudo, o que mais poderiam querer? Dois anos depois um acidente as levou de mim para sempre e me deixou para pagar todos meus pecados - eu tinha de tudo, o que mais poderia querer?

Comparo a vida com as literaturas, às vezes emocionantes, surpreendentes, alegres, tristes. Nas reviravoltas de todas as histórias das quais escrevi. De todos os conflitos, este, o principal. Não consegui reverter. Não consegui legar um desfecho digno, feliz. Outro autor tinha o domínio do enredo. Eu estava à margem de toda a essência.

Do ponto de vista poético, em prosa ou poesia, finitude ou plenitude, a memória é-me indiferente. Deixou de ser lírica. Um ponto final arrastado por eufemismo. Trágico.

Desde então nada preenche o vazio daquilo que não sabia haver. Minha mãe, viúva. Conta-me o quanto era feliz com o meu pai. Para ela, o sucesso tem outro nome. Calo-me. Não

há muito teimava em comprar a felicidade. Penso em todos aqueles que quiseram conquistar a fortuna, e não a conquistando, são afortunados.

Minha posição social é invejada por muito, equivalente, invejo o sorriso de uma família no parque, numa tarde de domingo. Ainda cultivo o lado homem, mas ninguém pode ver além das aparências. A alma. Esta, por sua vez, pende em saudade. Nostalgia é uma palavra clichê demais para um escritor.

Se tivesse uma segunda chance. Exporia meu amor, não em presentes, mas nos gestos, em cada sorriso. Perguntaria sobre o dia de minha amada e diferentemente de outrora me importaria com a resposta. Seria um pai, um filho.

Sou como um livro reputado. Apenas visto por interesse, ganância. Com a maldição que atraí os que estão no topo - na visão dos superficiais - sou cobiçado pela posição que ocupo na estante, pelo status, pela capa, nunca pelo conteúdo. Como um livro para passar o tempo, interessante, avassalador, mas não marcante, longe de ser um clássico. Por vezes, esquecido, empoeirado. Sou apenas uma troca, quando não, um favor.

Diante meus olhos, todos os bens. Todo o patrimônio dantes tão valorizado agora de nada serve.

Estou a escrever meu último livro. De como descobri, tardiamente, que a felicidade estava naquilo que possuía. Reflito sobre todos os cegos, todos os que estão jogando fora a prosperidade em busca dela.

Não posso mudar meu passado, porém, se mudar o mundo de alguém por meio de minhas palavras, saberei, que ao menos uma de minhas obras valeu à pena. Finalmente deixarei minha marca no universo, meu legado.

Fruto de uma história, no qual venci todos os meus adversários, mas não consegui vencer meu principal inimigo, eu. Conquistei todos meus objetivos, mas não conquistei nem o afeto de minha família. Respeitado, temido e soberano, não reinei em meu próprio lar.